



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/uma-escola-ribeirinha/>

Uma escola ribeirinha em Manaus/AM e outra em São Lourenço do Sul/RS: reflexões sobre educação ambiental ancoradas na educação dos sentidos e nos estudos da performance

Francisco de Paulo D’Avila Júnior [1]

Resumo: Este artigo investiga a importância da percepção sensorial e das práticas performativas na educação escolar para promover a consciência ambiental dos estudantes, a partir de uma análise de atividades pedagógicas realizadas por dois professores — do norte e do sul do país — comprometidos com essa abordagem em suas aulas. Diante dos desafios ambientais que cada vez mais são recorrentes em todo o mundo, e da necessidade de formar sujeitos mais responsáveis ecologicamente, torna-se necessário pensar novas abordagens do tema na escola, em que seja possível colocar o corpo e os sentidos na centralidade dos processos de ensino-aprendizagem. Para colaborar na discussão, recorreremos aos *Estudos da Performance* e da *Educação dos Sentidos* como aporte teórico. Entende-se que, ao valorizar os sentidos, a imaginação e a capacidade de maravilhar-se com o mundo, é possível formar indivíduos mais conscientes e sensíveis para as questões ambientais.

Palavras-chave: Corpo. Educação dos sentidos. Educação performativa. Sustentabilidade.

A riverside school in Manaus/AM and another in São Lourenço do Sul/RS: reflections on Environmental Education anchored in the Education of the Senses and Performance Studies

Abstract: This article investigates the importance of sensory perception and performative practices in school education to promote students' environmental awareness, based on an analysis of pedagogical activities carried out by two teachers — from the north and south of the country — committed to this approach in their classes. Faced with the environmental challenges that are increasingly recurring throughout the world, and the need to train more ecologically responsible individuals, it is necessary to think about new approaches to the topic at school, in which it is



possible to place the body and senses at the centrality of teaching-learning processes. To collaborate in the discussion, we resorted to Performance Studies and Education of the Senses as a theoretical contribution. It is understood that, by valuing the senses, imagination and the ability to marvel at the world, it is possible to form individuals who are more aware and sensitive to environmental issues.

Keywords: Body. Education of the senses. Performative education. Sustainability.

Introdução

O século XXI tem sido marcado por uma série de eventos climáticos catastróficos, que cada vez mais se intensificam, levando ao limite a necessidade de uma ação urgente e coordenada para desacelerar o impacto humano sobre o meio. Enquanto a emergência climática bate à nossa porta, torna-se imperativo que governos, empresas e indivíduos tomem ações decisivas para reduzir as emissões de carbono, proteger os ecossistemas e promover a sustentabilidade, garantindo um futuro habitável para as atuais e próximas gerações.

Em 2024, localidades de diferentes regiões do Brasil vêm vivenciando eventos climáticos extremos que impactam profundamente o cotidiano de milhares de pessoas. Na região norte, “a seca histórica que afeta o Amazonas em 2024 já afeta 767.186 pessoas no estado” (G1 Amazonas, 2024, s.n). Com o Rio Negro atingindo, em outubro de 2024, a menor cota da história ao registrar 12,66 metros, um marco simbólico dessa catástrofe, “cerca de 190 mil famílias estão enfrentando as consequências da estiagem severa” (G1 Amazonas, 2024, s.n). Já no sul do país, no estado do Rio Grande do Sul, em maio de 2024, presenciamos cenas dramáticas provocadas pelas enchentes que transbordaram cidades da costa da Lagoa dos Patos. Em São Lourenço do Sul, “a Prefeitura estima que quase cinco mil pessoas tenham deixado suas casas por causa das enchentes” (Silveira, 2024, s.n).



Essas duas catástrofes, ocorridas nos mesmos ambientes onde se desenvolvem as práticas pedagógicas analisadas — uma escola ribeirinha de Manaus/AM e uma escola em São Lourenço do Sul/RS — evidenciam a urgência de uma educação ambiental enraizada no contato direto com o meio natural. Em vez de uma abordagem puramente informativa, essas práticas propõem uma consciência ambiental vivida e experienciada, em que o corpo dos estudantes ocupa o centro do processo de ensino-aprendizagem, reforçando a percepção de pertencimento à natureza e a alteridade diante dela.

O debate ambiental internacional ganhou corpo oficialmente na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em Estocolmo em 1972. O primeiro grande evento internacional dedicado a Educação Ambiental (EA), foi a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em 1977 em Tbilisi- Geórgia. Desde a conferência de Tbilisi, uma série de documentos normativos, ao redor do globo, são elaborados, com a justa finalidade de auxiliar na elaboração de normas e procedimentos que possam assegurar que a EA seja, de fato, implementada nas escolas. No Brasil, na Constituição da República (1988), encontramos um capítulo próprio sobre meio ambiente, e menções sobre a educação ambiental, como vemos no Título VIII, capítulo VI, seção VI: “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente” (Brasil, 1988, p. 64).

No entanto, a implementação prática desse trabalho nas escolas enfrenta desafios consideráveis. A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), promulgada em 2017 pelo Ministério da Educação, trata pouco sobre a EA, tratando-a de forma transversal no currículo escolar. A discussão rasa estabelecida pela BNCC apenas ilustra os desafios da EA na escola, onde muitas vezes o tema é limitado a datas comemorativas e projetos impostos de maneira verticalizada pelas secretarias de educação, sem considerar as especificidades das comunidades locais, além da falta de investimentos na formação continuada de professores. Além das problemáticas que interferem nos debates e práticas ambientais no contexto escolar, é sabido que, nos processos de ensino-aprendizagem da escola tradicional, o que é mais valorizado é a memorização de informações desconexas da realidade dos estudantes, e que servem para “passar na prova”, sem que, em muitas ocasiões, haja um olhar sensível e humanizado sobre o conteúdo estudado.



Nesse sentido, tais constatações se alinham com ideias de várias correntes epistemológicas, que colocam o corpo na centralidade dos processos de ensinar e aprender na escola. Na discussão apresentada neste texto, abordaremos o corpo na educação pela via da *Educação dos Sentidos* proposta pelo educador, psicanalista, teólogo e escritor brasileiro Rubem Alves (1933-2014), além dos estudos sobre o mesmo tema levados a cabo pelo Doutor em Filosofia e História da Educação João Francisco Duarte Jr. Tanto os estudos de Rubem Alves como de Duarte Jr, evidenciam a necessidade de a educação envolver o corpo e os sentidos nos processos de ensino-aprendizagem. Ao citar Roland Barthes (1915-1980), Rubem Alves defendeu que a educação dos sentidos “fosse semelhante ao *Kama Sutra*, o ensino de várias posições possíveis de se fazer amor com o mundo” (Alves, 2012, p.20), onde o aprendizado não é apenas intelectual, mas também sensorial e afetivo. Para observar as práticas aqui evidenciadas recorreremos também aos *Estudos da Performance*, percebendo a educação e o espaço escolar como um espaço performativo onde estudantes e professores performam papéis sociais a partir “das condutas operadas no cotidiano de maneira estruturada em ações repetidas, ou, reguladas por relações socialmente previsíveis em suas diversas convenções” (Gonçalves, Gabardo Junior, 2020, p. 98). Desde os estudos perpetuados por Richard Schechner na década de 1970, a performance passou a ser vista como um campo interdisciplinar de análise de fenômenos culturais, lançando um “olhar para o sujeito não apenas como incorporador da cultura, mas também como agente rompente da tradição” (Gonçalves, Gabardo Junior, 2020, p. 99). Nesse sentido, a Pedagogia Performativa, de Gilberto Icle, e a Educação Performativa, abordada por Michelle Bocchi Gonçalves, Jean Carlos Gonçalves e Jair Mario Gabardo Junior ajudam a ampliar essa perspectiva, propondo uma educação que não se limita ao simples ato de transmissão de conteúdo, mas que envolve o corpo, os sentidos e a vivência como elementos fundamentais no processo de construção do conhecimento.

Este estudo analisará essas abordagens através de duas práticas artístico-pedagógicas. As pesquisas, desenvolvidas em dois extremos do país, norte e sul, são dissertações de mestrado, que apresentam de forma detalhada todos os procedimentos adotados na realização dos trabalhos. As práticas de Jaison Couto de Souza (2019), relatadas na dissertação *Artefatos e “cArtografias”*: *O Ensino da Arte e a Ressignificação do Ambiente*, realizadas em uma pequena cidade do extremo sul do Rio Grande do Sul, e de Talita Araújo Queiroz (2023), relatadas na dissertação *Arte-Educação*



Decolonial: Caminhos de (re)existência amazônida na escola ribeirinha de Manaus, ajudam a traçar abordagens em relação à educação ambiental que estão sendo investigadas em escolas públicas brasileiras.

Educação dos Sentidos

Resumindo: são duas, apenas duas, as tarefas da educação. Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível. Assim, ao invés de explicar o que disse, vou mostrar o que disse através de uma imagem. O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos. (Alves, 2012, p.9).

O pensamento destacado acima, é de Rubem Alves (1933-2014), psicanalista, educador, teólogo e escritor brasileiro, autor de diversos livros, e que defendia uma educação libertadora, que possibilitasse a criatividade, a reflexão crítica e a emancipação do indivíduo, em oposição a uma abordagem técnica e mecânica do aprendizado. Em sua trajetória, defendeu a importância de desenvolver a sensibilidade e a imaginação na educação. Alves era crítico em relação ao sistema educacional tradicional por negligenciar esses aspectos e enfatizava a necessidade de uma educação que despertasse o prazer, o encantamento e a curiosidade, visando um aprendizado mais rico em significado.

Ao deixar claro sua rede de influências, que perpassam figuras como Sigmund Freud (1856-1939) e Martin Buber (1878-1965), em uma das passagens de seu livro *A Educação dos Sentidos e mais*, crônicas publicadas pela primeira vez em 2005, destacou a forte influência de Santo Agostinho para a formulação do seu pensamento. Em relação a imagem que criou sobre as duas caixas, o autor indicou que Santo Agostinho, já havia dito a mesma coisa, mas em outras palavras. Ao comentar sobre o pensamento de Santo Agostinho, relatou que:

[...] ele, resumindo o seu pensamento, disse que todas as coisas que existem se dividem em duas ordens distintas. A ordem do *uti* e a ordem do *frui*. *Uti*, “o que é útil, utilizável, utensílio”. Usar uma coisa é utilizá-la para se obter uma outra coisa. *Frui*, “fruir, usufruir, desfrutar, amar uma coisa por causa dela mesma. (Alves, 2012, p.13).



A caixa de ferramentas simboliza o conhecimento técnico, os instrumentos racionais que utilizamos para resolver problemas e construir o mundo ao nosso redor. “Muitas Ferramentas são objetos: sapatos, escovas, facas, canetas, óculos, carros, computadores” (Alves, 2012, p. 10). “Outras ferramentas são puras habilidades. Andar, falar, construir” (Alves, 2012, p.11). No que se refere a educação, Alves era crítico sobre como eram ensinadas as ferramentas na escola, pois “tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes – coisa que se pode aprender mecanicamente – é a arte de construir ferramentas novas” (Alves, 2012, p. 11). Para isso, segundo o autor, se faz necessário saber pensar, atribuindo ao professor a tarefa de sempre se perguntar: “Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma pode ser usado? Em que aumenta a competência dos meus alunos para viver a sua vida? Se não houver resposta, pode-se estar certo de uma coisa: ferramenta não é” (Alves, 2012, p. 12).

Por outro lado, a mão esquerda carrega a caixa de brinquedos, que representa a imaginação, a sensibilidade e a capacidade de sonhar. É a caixa do coração, onde residem a poesia, a arte, os sonhos e a capacidade de maravilhar-se com a beleza da vida. “Essa caixa está cheia de coisas que não servem pra nada. Inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é pra isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir?” (Alves, 2012, p. 12).

Alves enfatizava que uma educação plena deveria valorizar e equilibrar essas duas caixas, reconhecendo que a imaginação e a sensibilidade são tão fundamentais quanto o conhecimento técnico. “As coisas da caixa de ferramentas, do poder, são meios de vida, necessários para a sobrevivência. [...] As ferramentas não nos dão razões para viver. Elas só servem como chaves para abrir a caixa de brinquedos” (Alves, 2012, p. 15).

Mestre em traduzir seus pensamentos em imagens, ao falar sobre a inteligência, explicou de forma metafórica que, no cotidiano, a inteligência é flácida, suficiente para realizar suas tarefas básicas. E que ao ser provocada pelo desejo, cresceria a ponto de realizar o inimaginável. Ao apresentar tal imagem, ele deixou claro a necessidade de uma outra educação, uma educação que fosse comprometida em estimular a inteligência. Nesse sentido, Alves constantemente convocou a construção de um outro tipo de professor, “um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana” (Alves,



2012, p. 25). A necessidade desse novo professor, se traduz na ideia de que a caixa de brinquedos necessita ser aprendida.

[...] a capacidade de brincar também precisa ser aprendida. E ela tem a ver com a capacidade de o corpo ser erotizado pelas coisas à sua volta, de sentir prazer nelas. Nossos sentidos – visão, audição, olfato, tato, gosto – são todos órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele. (Alves, 2012, p. 20).

No que se refere ao pensamento de Rubem Alves, cabe destacar um dos pontos-chave de sua teoria, que atribui ao corpo uma dimensão fundamental e integral no processo educativo. Para o autor, a educação deveria incorporar a sensibilidade corporal, pois é através dos sentidos que os seres humanos percebem, experimentam e se conectam profundamente com o todo. Desta maneira, o corpo não seria apenas um veículo para a mente, mas uma fonte de conhecimento e sabedoria por si só. Através da valorização dos sentidos, ver, ouvir, tocar, sentir o cheiro, sentir o toque, ele propunha uma educação que despertasse o prazer, a curiosidade e a capacidade de apreciar a beleza e a arte, promovendo uma formação integral que poderia abranger tanto o aspecto cognitivo quanto o sensorial e emocional dos estudantes.

O pesquisador Doutor em Filosofia e História da Educação, João Francisco Duarte Jr, com influências na teoria da *Educação dos Sentidos* proposta por Rubem Alves, em 2010, lançou o livro *A Montanha e o Videogame*, que também defende a necessidade de educar os sentidos para um processo de ensino-aprendizagem realmente transformador. Logo nos primeiros versos, o autor destaca e contextualiza a situação em que nos encontramos atualmente, uma crise que nos leva à brutalidade, à violência sem sentido, e de forma geral, ao desrespeito à vida. Avança no relato de uma crise da pós-modernidade:

A despeito da crença de muitos, de que nos encontramos numa fase histórica denominada “pós-modernidade”, o que assistimos atualmente talvez seja mais bem classificado como a “crise da modernidade”. A crise de um modo de vida lastreado numa maneira específica de construir o conhecimento humano e, com base nele, estabelecer relações com o mundo e com os nossos semelhantes. O fato é que o mundo moderno (historicamente estabelecido a partir do século XV) primou pela valorização do conhecimento intelectual, abstrato e científico, em detrimento do saber sensível, estético, particular e individualizado. (Duarte Jr, 2010, p. 25).



A respeito dessa crise da modernidade destacada pelo autor, são demonstrados diversos exemplos que se apresentam no dia a dia, no cotidiano, e que são reflexos desta ruína em que nos encontramos. Seja através do não apreciar a cidade e a natureza, de ver a moradia (nossa casa) como apenas uma “máquina de morar”, seja pela falta de afetividade entre vizinhos, que já não colocam mais a cadeira na frente da casa ao anoitecer. São sinais, segundo o autor, de uma deseducação de nossa sensibilidade.

Duarte Jr insi em na defesa de que, associado a essa crise da modernidade, e também agravado pelas condições de vida deterioradas, a forma que se estabelece o aprendizado, a construção de conhecimento, é catastrófica, ao passo que há uma deseducação do corpo em relação aos sentidos estésicos e afetivos. Segundo o autor, “somos educados para a obtenção do conhecimento inteligível (abstrato, genérico e cerebral) e deseducados no que tange ao saber sensível (concreto, particular e corporal)” (Duarte Jr, 2010, p. 26).

Aliás, a ideia de estesia é um dos pilares de uma educação do sensível, pois estesia refere-se à capacidade de perceber sensações através dos sentidos. Há um incentivo a apreciação das sutilezas e riquezas da experiência no mundo, contribuindo para uma formação que abarca não apenas o intelecto, mas também o desenvolvimento sensorial, emocional e artístico. O papel do corpo, portanto, é fundamental, pois o corpo é o mediador primário através do qual percebemos e interagimos com o mundo. De acordo com as palavras de Duarte Jr, conhecer pelo viés dos sentidos “refere-se a todo o conhecimento integrado ao nosso corpo, o qual nos torna também sensíveis” (Duarte Jr, 2010, p. 26).

Duarte Jr avança nas discussões sobre o sensível através do ensino de arte, e salienta que, não é tarefa da arte deter o monopólio do sensível, pois educar os sentidos na escola, deve ser compromisso de qualquer professor, de qualquer componente curricular. No que se refere ao ensino de arte, cabe destacar que o próprio componente encontra desafios nesta abordagem, por inúmeros fatores como, por exemplo, falta de estrutura, formação de professores, e uma estrutura organizacional que controla excessivamente os corpos dos atores da escola. Segundo o autor:

[...] a própria arte-educação parece ter ultimamente perdido um pouco o seu eixo, absorvendo grande parcela do racionalismo e do objetivismo emprestados a vida moderna [...] nossos professores de arte andam, pois, alicerçando a maior parte de seu trabalho em



“explicações” acerca da arte, no ensino de sua história, e na interpretação de obras famosas. (Duarte Jr, 2010, p. 29).

Amparados nas reflexões propostas pelos dois autores, é possível levantarmos algumas questões. Sendo a escola, tal qual conhecemos, coercitiva, centrada na transmissão de conhecimento, e que restringe o corpo dos estudantes a ficar sentados nas cadeiras enfileiradas, como é possível estabelecer um outro processo de ensino-aprendizagem, que valorize aspectos até então negligenciados na Educação? Investigaremos isso, caro (a) leitor (a), através de duas propostas distintas, coordenadas por dois professores de extremos opostos, Jaison do Rio Grande do Sul e Talita do Amazonas.

Estudos da Performance na Educação

Richard Schechner é um renomado teórico do teatro e performance, notório por suas contribuições para os campos da antropologia teatral e dos estudos de performance. Ele fundou o grupo de teatro experimental *The Performance Group* e é autor de diversos livros sobre teatro, performance e ritual.

Os estudos da performance, desenvolvido por Schechner a partir de 1970, expandiram as noções de performance para outros domínios das ciências humanas, e permitiu analisar como performance outras dinâmicas sociais, incluindo a vida cotidiana. “É na afirmação de que toda e qualquer atividade da vida humana possa ser estudada enquanto performance que Richard Schechner oferece propulsão acerca das formas de olhar e/ou considerar os fenômenos culturais” (Gonçalves, Gabardo Junior, 2020, p. 98). Para Jair Mario Gabardo Junior,

ao apresentar que todas as atividades da vida cotidiana poderiam ser estudadas como performances, Schechner amplia os sentidos empregados como aquilo que se entende por performance e produz um terreno teórico fértil para se pensar as construções das relações sociais e o papel atuante dos sujeitos para com as suas realidades. (Gabardo Junior, 2020, p. 34).

Diante dos estudos da performance, ao apontar as diferentes concepções e o caráter fronteiro Schechner classificou pelo menos 8 situações em que a performance pode acontecer, sendo elas:



1) na vida cotidiana – cozinhar, sociabilizar, “ir vivendo”; 2) nas artes; 3) nos esportes e outros entretenimentos de massa; 4) nos negócios; 5) na tecnologia; 6) no sexo; 7) nos rituais – sagrados e temporais; 8) e em ação.

O objeto desta disciplina incluem os gêneros estéticos do teatro, da dança e da música, mas não se limita a eles; compreende também os ritos cerimoniais humanos e animais, seculares e sagrados; representações e jogos; performances da vida cotidiana; papéis da vida familiar, social e profissional; ação política; demonstrações; campanhas eleitorais e modos de governo; esportes e outros entretenimentos populares; psicoterapias dialógicas e orientadas em direção ao corpo, junto com outras formas de curas (como o xamanismo); os meios de comunicação. O campo não tem limites fixos. (SCHECHNER, 2000, p. 12, tradução nossa).

Os estudos do professor Schechner inspiraram, no Brasil, aprofundamentos da relação da performance com a área da educação, sendo um deles o conceito de Pedagogia Performativa de Gilberto Icle. Inicialmente, cabe destacar a entrevista de Schechner, realizada por Icle e Marcelo de Andrade Pereira em fevereiro de 2010 e transcrita pelo texto intitulado *O que pode a performance na educação?* Em certa passagem da entrevista, quando indagado sobre a relação da Performance e Educação nos Estudos da Performance, Schechner defendeu que a aproximação entre arte e ação pedagógica sempre existiu, desde os antigos rituais, do teatro na época clássica até as experiências de encenadores como Bertold Brecht e Augusto Boal. Conforme encaminha sua resposta, enfatiza que:

Essa noção de reunião, de encontro, de interação da performance poderia ser tomada como um modelo para a Educação. Educação não deve significar simplesmente sentar-se e ler um livro ou mesmo escutar um professor, escrever no caderno o que dita o professor. A educação precisa ser ativa, envolver num todo mentecorpoemoção – tomá-los como uma unidade. Os Estudos da Performance são conscientes dessa dialética entre a ação e a reflexão. (Schechner, Icle, Andrade, 2010, p. 26).

Para Gilberto Icle, os estudos da performance vinculados a educação, apontam para uma nova abordagem epistemológica, uma nova forma de conhecimento. O caráter de “acontecimento” e a característica fundamental da interatividade reforçam que a performance não está em nada, mas entre. Para Gilberto Icle, a performance na educação pode contribuir no sentido de:



Performar a pesquisa, performar os professores e os alunos, performar a escola, performar as políticas públicas, ou seja, dar novas formas, nos olhares, transgredir as fronteiras do que é e do que pode se tornar. A Performance poderia fazer tudo isso pela Educação e talvez mais. Ela é um convite à experiência das bordas, das fronteiras, às práticas interdisciplinares e a problematizações sobre a Cultura, sobre a Arte, sobre a Linguagem – temas que de nenhum modo são estrangeiros à Educação. (Icle, 2010, p. 20).

Entre diversas perspectivas, sejam elas de caráter artístico, antropológico ou filosófico, Icle pontua um dos pontos de ligação entre performance e educação. Para o autor, uma das principais semelhanças é “a centralidade do corpo como lugar e referência por intermédio do qual o ato performático e sua performatividade encontram termo” (ICLE, 2010, p. 15). Icle acredita que através dos estudos da performance é possível perceber a gama de possibilidades, na qual: Performance e a Performatividade aparecem como instrumentos pelos quais é possível pensar as relações sociais, as políticas públicas, as identidades de gênero e de raça, a estética, a infância, os rituais, a vida cotidiana, entre outras. (ICLE, 2010, p. 15).

No texto intitulado *Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers*, Icle e Mônica Torres Bonatto ampliam as discussões a partir de dois conceitos: a escola como entrelugar; e “professor-performer” e “estudante-performer”. O conceito de entrelugar criado pelos autores, se inspira na noção de espaço liminal do teórico e pesquisador Charles Garoian. Para Garoian (1999, p. 49), pensar a escola a partir da perspectiva liminal propõe “estudantes a pensar e agir de forma crítica, desafiando os pressupostos históricos e culturais trabalhados nas escolas”. Essa necessidade de se pensar a sala de aula na perspectiva do entrelugar se fundamenta a partir da percepção dos espaços escolares como espaços engessados, de uma opressão em relação à expressão do pensamento e da opinião e da tentativa de padronizar gestos e atitudes de todos os envolvidos nesse processo. Icle e Bonatto (2017, p. 10) salientam que:

[...] a potência da noção de performance no campo da educação, em especial na análise da escola, circunscreve-se não apenas no diagnóstico (pensar a escola como performance), mas também na proposição (pedagogias performativas), pois a qualidade da performance (o performativo) é a capacidade que ela tem de nos mostrar a transformação como fator essencial da ação humana: na performance fazemos alguma coisa que nos permite refazer-nos a nós mesmos.



Tendo como referência a figura do performer, que utiliza seu próprio corpo como suporte de criação e expressão, os autores fazem uma reflexão sobre a necessidade de mudanças nos papéis desempenhados por professores e estudantes no processo de escolarização, isso “na contramão da lógica vigente, oferecendo novas bases para a análise de práticas da educação básica e engendrando proposições inéditas” (Icle, Bonatto, 2017, p. 10).

Enquanto Gilberto Icicle trabalha com a ideia de Pedagogia Performativa, os pesquisadores vinculados ao Laboratório de Estudos em Educação Performativa, Linguagem e Teatralidades (Elite/UFPR/CNPq) abordam o tema a partir da ideia de Educação Performativa. Segundo Jean Carlos Gonçalves (2020, p. 189), o termo se refere à aproximação da performance em “contextos educacionais, o que implica um leque de possibilidades teórico-práticas que abrigam desde os estudos de recepção e estética até literaturas relacionadas ao estudo do corpo e suas fronteiras e diversidades”. Ao discorrer sobre os conceitos de Teatralidade e Performance associados à educação, Jean Carlos Gonçalves e Michelle Bochi Gonçalves (2018, p. 145) abordam que:

Tanto os dispositivos poético-discursivos da Teatralidade quanto os da Performance possibilitam ao sujeito, que se significa, e ao espaço, que torna possível essa textualização, a oportunidade de atribuir sentidos abertos e propensos a diferentes gestos de interpretação, incluindo aí, a interpretação de si, aliada ao reconhecimento e à autocontemplação de sua realidade enquanto sujeito que toma posse de um espaço específico, com um corpo único por meio de uma posição situada e exclusiva.

Pensar a educação pelo viés da performance, abre uma via de compreensão crítica sobre os papéis desempenhados tanto pelos estudantes quanto pelos docentes no processo de escolarização. Isto permite questionar as práticas convencionais e limitações impostas, criando oportunidades para que o inesperado e as experiências marginalizadas ganhem novos significados. Com isso, surge uma margem para que valores tradicionais sejam desafiados, possibilitando novos modos de interação e aprendizado mais autênticos.

Diante disso, uma educação performativa olha para o corpo de quem educa e de quem é educado, atentando-se para o seu não apagamento ao trazer à luz a corporeidade e toda a



sua complexidade, pois enxerga nela as condições de se criar os mais diversos pontos de partida” (Gonçalves, Gabardo Junior, 2020, p. 105).

Ainda sobre o engajamento do corpo enquanto presença na sala de aula, podemos entender que:

Pela perspectiva da Educação performativa, os corpos, na sala de aula, são estudados como corpos em ação, fisicamente em ativismo. O empenho dessa vertente teórica está na pesquisa de corpos particulares que representam a si mesmos na sala de aula, promovendo uma análise evocativa de como cada um desses corpos vê e experimenta a vida e as interações (Gonçalves; Oliveira, 2020, p. 396).

Embora, em diálogo com Richard Schechner, na entrevista *o que pode a performance na educação*, publicada em 2010, Gilberto Icle tenha constatado que a noção de performance e os Estudos da Performance na educação, no Brasil, constituam uma relação rara, ainda é possível encontrar algumas experiências de professores que cada vez mais estão comprometidos com a temática na formulação de suas aulas. Duas pesquisas foram escolhidas, a partir de um recorte de aproximação, práticas que foram experienciadas em escolas públicas, no Ensino Fundamental II, que são atravessadas pelas problemáticas ambientais e que operam a partir de uma perspectiva performativa nas aulas de arte.

De Norte a Sul: o estudo de dois casos

Jaison Couto de Souza (2019) detalha em sua dissertação a realização de microintervensões que visavam a envolver estudantes e a comunidade local em reflexões críticas sobre sua realidade socioambiental. Jaison é professor de arte na (E.M.E.F.) Prof. Armando das Neves, em São Lourenço do Sul, extremo sul do Rio Grande do Sul. As práticas de Jaison vão ao encontro do contexto em que a escola está inserida, às margens da Laguna dos Patos, com problemas socioambientais marcantes.

As práticas de Jaison se colocam na esteira de uma abordagem que visa a uma transformação socioambiental, por meio do ensino de arte, de atitudes solidárias, de uma experiência estética, capaz de reconstruir subjetividades, além de produzir reflexões mais pontuais, como, por exemplo, pensar as práticas locais e sua reverberação em escala global.



Os trabalhos desenvolvidos na Escola Armando das Neves, sendo está a primeira escola de pesca do Rio Grande do Sul, se conectam com a própria história e realidade local, visto que o pescado sempre foi a principal fonte econômica de renda, não somente do bairro Navegantes/Z8, onde a escola está sediada, mas também do município de São Lourenço do Sul. No entanto, com problemas socioambientais, como a pesca predatória, e o descarte irregular de resíduos no ambiente, tal realidade está em decadência, e hoje uma das principais fontes econômicas passou a ser o turismo, em que os próprios moradores locais saem de suas casas para alugá-las para os visitantes.

Jaison investiga práticas que possam conferir uma maior consciência dessa realidade para os estudantes e, por dentro disso, há o entendimento de que é necessária uma maior aproximação dos estudantes com o meio ambiente, assim como ações que possam promover uma reflexão mais aprofundada. Como professor efetivo de artes da escola, Jaison já propôs diversos projetos performativos nessa perspectiva, e um deles merece ser destacado. Trata-se do que o professor-artista prefere chamar de microintervenções artísticas, um conjunto de ações solidárias, não só dos envolvidos, mas de toda a comunidade.

Jaison subverte as lógicas pragmáticas estabelecidas no ensino formal, a começar pelos conteúdos e a forma como são trabalhados. Nesse sentido, o professor-artista desenvolve atividades que possam não só aproximar os estudantes de seu contexto de vida, mas também promover maior sentido para a escola e para os processos de ensino-aprendizagem em arte. As dinâmicas empregadas nas pesquisas tanto do professor-artista como dos estudantes-artistas conferem às microintervenções caráter de acontecimento e uma forma de construção de conhecimentos a partir da prática.

Ao serem observadas as microintervenções artísticas desempenhadas na Escola Armando Neves, são percebidas dinâmicas performativas que alteram a própria configuração da escola, à medida que promovem uma outra possibilidade de ser e estar nesse ambiente. Uma de suas atividades consiste em transformar o ato de caminhar em uma experiência estética. Ao fazer isso, ele convida os alunos a repensar a maneira como interagem com o mundo ao seu redor. Caminhar deixa de ser apenas um meio de locomoção e se torna uma forma de expressão artística, permitindo que os estudantes explorem a relação entre seus movimentos e o ambiente, desafiando assim as



fronteiras tradicionais da educação artística e incentivando a criatividade e a reflexão em um contexto inesperado.

As caminhadas como práticas estéticas que Jaison passou a realizar com seus estudantes, pela orla da Lagoa dos Patos, tinham alguns objetivos: contemplação da natureza, recolhimento de artefatos e intervenção no espaço. A prática da caminhada se tornou uma ação efetiva para experimentar novas relações com o espaço, principalmente, no que se refere a uma experimentação sensorial desse corpo com relação ao ambiente. Sentir o pé na areia, a brisa da lagoa, os cheiros característicos, ouvir os sons, contemplar a paisagem e tantas outras possibilidades de interação que emergem pelo simples ato de caminhar. Durante as caminhadas, há uma atenção especial para perceber aqueles objetos presentes na paisagem e que não deveriam estar ali, resíduos frutos de interferência humana.

Ao transformar as caminhadas em trajeto de coletas de pedras, o professor-artista aborda aspectos que vão do micro ao macro, mas principalmente propõe aos estudantes repensar a maneira que se relacionam e interferem no espaço natural. Os objetos coletados diante de uma observação minuciosa do espaço natural são levados para a sala de aula, onde são trabalhados de forma a ser suporte para a produção de objetos artísticos, pintados pelos próprios estudantes, sendo possível cada artefato carregar consigo uma mensagem ambiental.

É importante destacar que parte da ideia de coletar materialidades no próprio ambiente natural também é resultado, segundo Jaison, de uma escassez de recursos oferecidos pela escola. Portanto, pedra vira suporte para criar visualidades, assim como foi possível desenhar na areia, sem a necessidade de papel e lápis. Nessa toada, o corpo do estudante também vira materialidade, seja na interação com o ambiente, de experimentações e percepções sensoriais, pela movimentação desses corpos e sua iminente coreografia, como também pela contemplação estética e conexão com a natureza.

As microintervensões de Jaison e seus alunos foram divididas em três partes: estudo de campo e coleta das pedras, criação artística dos artefatos na sala de aula, e, por fim, a devolução das pedras para o local de origem. Como última característica abordada aqui, sobre as práticas desenvolvidas na Escola Armando das Neves, é possível evidenciar abordagens em outros dispositivos de criação, como a fotografia e a gravação de vídeos, pelos próprios estudantes em uma postura de



documentação do processo, que se tornou uma maneira de ressignificar esses dispositivos nas aulas.

Na dissertação de mestrado intitulada *Arte-Educação Decolonial: Caminhos de (re)existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus*, defendida em fevereiro de 2023, Talita Araújo Queiroz apresenta um conjunto de práticas que se encaminham para uma perspectiva de reflexão socioambiental, por intermédio de procedimentos pedagógicos performativos desenvolvidos nas aulas de arte. A professora-artista atua fora do perímetro urbano, em Nossa Senhora de Fátima, comunidade ribeirinha de Manaus, na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento.

Um dos objetivos de seu trabalho, expresso através de práticas artístico-pedagógicas relacionadas à decolonialidade, dentre outros, foi promover uma educação que valorizasse a cultura local, respeitando as tradições de matriz latina, indígena, cabocla, negra, afro-indígena, desafiando, desta forma, o legado colonialista. Para tanto, a professora-artista embarcou, literalmente, em uma jornada de possibilidades para desconstruir estereótipos, valorizar saberes locais, estimular o senso crítico, além de performar, de variadas possibilidades, a escola ribeirinha.

O trajeto até a escola, por si só, carrega peculiaridades, que, segundo Talita, é uma forma amazônica de ser e se relacionar com a natureza. As lanchas saem do Porto Marina do Davi e, pelas curvas do Rio Negro, professores e estudantes contemplam a natureza exuberante. Inclusive, uma das propostas mais impactantes presente nos relatos da professora-artista refere-se a esse procedimento tão rotineiro, que é o ato de transitar entre Manaus e a escola, passando pelas residências. Talita teve a ideia de fotografar os estudantes, na tão sonhada foto de colação de grau, dentro dos barcos, em meio à Floresta Amazônica.

A Escola Municipal José Sobreira do Nascimento só oferece ensino até o 9º ano do Ensino Fundamental II, não tendo outra escola na região para que esses estudantes possam continuar os estudos. A fotografia então assume um papel importante, na sensação de pertencimento e de valorização da vivência ribeirinha, mas também como um sonho, visto que as dificuldades para seguir os estudos são tamanhas. Como uma celebração à identidade cultural, as fotografias de colação de grau, performadas em meio à floresta, também reforçam a conexão com a natureza, ao passo que podem inspirar outros jovens a continuarem seus estudos.



Na prática artística intitulada *Corpos da Floresta*, termo cunhado pela artista amazonense e professora Yara Costa, por meio da linguagem da performance arte, Talita buscou instigar os estudantes a criar novas percepções sobre sua realidade, experimentando movimento, sinestesia e poesia. As experiências desempenhadas por Talita colocam o corpo em evidência e, antes mesmo de se adentrar no processo de criação, há um debate importante sobre a importância desse corpo se expressar. Conseqüentemente, há a quebra de estereótipos, como, por exemplo, sobre o fato de que “homem não dança” e o esforço contínuo para se vencer a timidez.

Estudantes do 8º e 9º anos, com idades entre 13 e 15 anos, participaram da proposta, através da construção individual de programas performativos, pensando a relação de coleta de dados, escrita textual, criação de ações, possibilidades de cenários, além de reflexões sobre os temas escolhidos por cada um. Um dos primeiros exercícios realizados baseou-se em uma improvisação, a partir de uma consciência corporal oriunda de uma observação do espaço natural, bem como do contato direto com a natureza.

Talita extrapola os limites da escola, mas não o faz sem a devida preparação dos estudantes, garantindo segurança para que eles experimentassem esse ambiente natural. O trabalho se sucedeu a partir de uma espécie de jogo entre a performance de cada um e a formação de uma plateia, onde todos observariam os trabalhos, de forma silenciosa e sem interferência.

A professora-artista lança mão também de escritos da maior relevância para os estudos da arte-educação brasileira, como o *Teatro do Oprimido* e *200 Exercícios e jogos para o ator e para o Não-ator*, ambos de Augusto Boal (1931-2009), para fomentar a prática de *Teatro Cabôco*, realizada com seus estudantes na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento. Tais práticas estavam conectadas com uma pesquisa que pretendia investigar os problemas mais relevantes da comunidade Nossa Senhora de Fátima, utilizando pausas na experimentação teatral para debater esses problemas, para, se possível, criar soluções e críticas reflexivas sobre essas questões.

Assim como Jaison e suas microintervensões, Talita desbravou o espaço natural em busca de materialidades para trabalhar nas aulas de arte, principalmente madeira, provenientes de restos de árvores que provavelmente o rio Negro levaria consigo. Chamou a essa prática de *Mãos Amazônicas* e desenvolveu-a com estudantes do 8º ano, a partir da coleta das madeiras, limpeza, lixamento, selamento e pintura. Tal experiência carregou consigo a oportunidade de trabalhar



conceitos ligados à Sustentabilidade por meio da arte e da percepção do espaço natural que envolve a escola.

Recentemente, a professora artista avançou com suas pesquisas na Escola José Sobreira do Nascimento, quando propôs que os estudantes realizassem fotoperformances a partir da temática da água. Inicialmente, ainda dentro do espaço escolar, os estudantes tiveram contato com a linguagem da fotoperformance, através de aspectos históricos e diante de exemplos de importantes artistas dessa modalidade, como Marina Abramovich e a artista paraense Berna Reale. Cada estudante esteve à frente do seu processo de composição, ficando a seu critério a escolha de todos os elementos que iriam compor a imagem, como a roupa, o cenário, e outros elementos. Nesse caso, com ajuda dos dispositivos tecnológicos, os estudantes não só elaboraram uma fotoperformance que pudesse transmitir uma mensagem, mas performaram corporalmente para as lentes das câmeras dos celulares.

As práticas que novamente envolveram estudantes dos 8º e 9º anos tiveram como tema a água, sendo cada estudante livre para realizar tal interpretação. A proposição geral do tema não foi aleatória e reflete o que muitas previsões científicas dizem ter sido a pior seca da história da Amazônia. O fenômeno climático que assolou os amazonenses em 2023, principalmente os ribeirinhos, visto que o tráfego de barco em meio à estiagem é impossível, atingiu o nível de emergência, o que fez, inclusive, a Escola Municipal José Sobreira do Nascimento fechar. Mesmo com o fechamento da escola em setembro de 2023, os estudantes continuaram a desenvolver suas pesquisas e a enviar os registros para a professora pela Internet.

Considerações finais

Nas considerações finais, é fundamental refletir sobre o Antropoceno, a era geológica atual caracterizada pela profunda e vasta influência das atividades humanas sobre o planeta. Essa proposta reconhece o impacto maciço que a humanidade tem exercido sobre o clima, a biodiversidade, os ecossistemas e a geologia do planeta. O debate em torno do Antropoceno é um farol, que ilumina a necessidade de uma abordagem mais responsável e sustentável em relação ao ambiente, uma vez que reconhece a capacidade dos humanos de moldar o futuro do planeta. Esta



nova era exige uma resposta educacional à altura dos desafios que apresenta, destacando a necessidade de formar sujeitos mais atentos e sensíveis às questões ambientais desde a escola. Se o ser humano não se vê como parte integrante de todo o sistema natural, e se coloca acima e aquém da natureza, como é possível esperar que esse mesmo ser humano possa fazer algo efetivo na preservação da vida na terra? Por isso, pensamos a partir dos estudos de Rubem Alves e Duarte Jr, um corpo sensorial a partir da educação dos sentidos, em que o corpo do estudante passa a ocupar a centralidade dos processos educativos na escola. Através de diferentes percepções sensoriais, desbravando outros espaços em que é possível aprender, para além de uma sala de aula, e interagindo de diferentes formas com o espaço a partir dos sentidos, acredita-se que possa se criar um terreno onde a inteligência aflore de maneiras ainda negligenciadas pela escola tradicional. No que se refere ao papel do corpo na educação dos sentidos, diante das duas práticas estudadas, identificamos alguns aspectos importantes:

- O corpo como instrumento de percepção.
- O corpo como expressão e comunicação.
- O corpo como vivência e experiência.
- O corpo como interação e relacionamento.
- O corpo como integração ao ambiente.
- O corpo como criatividade e imaginação.

Através do estudo de dois casos, as práticas de Jaison e de Talita, e as implicações dos estudos na performance na educação, percebemos o impacto que essas práticas podem trazer para uma consciência ambiental. Elementos performativos são percebidos, tanto nas microintervenções de Jaison, como nas práticas da professora Talita. Todos os dois trabalhos compartilham a visão de subverter os conteúdos pragmáticos tradicionais da escola, priorizando a experiência e a criatividade dos estudantes. Assim como a exploração do espaço natural, a busca por materiais diversos para serem incorporados às aulas e a valorização da dimensão do corpo do estudante como uma plataforma de criação são elementos comuns que enriquecem o processo de aprendizagem destas propostas.



Além disso, a ênfase na formação socioambiental presente em todos os dois projetos demonstra um compromisso compartilhado com a consciência ambiental e social, ressaltando a importância de preparar os estudantes para serem cidadãos críticos e responsáveis em um mundo em constante mudança. Essas convergências destacam como essas práticas poético-performativas estão à frente na busca por uma educação mais humana e significativa nos currículos das escolas públicas brasileiras.

Bibliografia

ALVES, Rubem. **A Educação dos Sentidos e mais**. Campinas: Editora Verus, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Ed. Atual e ampl. São Paulo. Saraiva, 1996.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **A Montanha e o Videogame: escritos sobre educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

G1 Amazonas. **Quase 770 mil pessoas são afetadas pela seca histórica que atinge o Amazonas, diz Defesa Civil**. G1 Amazonas. Disponível em: <https://g1.gl.com/am/ama/n/2024/1/04/quase-770-mil-pes-para-afet-p-s-historico-que-comer-o-ama-diz-d-civilizacao.g>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GONÇALVES, Jean Carlos. **Pedagogia das artes da cena no ELiTe/UFPR/CNPq: elos e fronteiras de um grupo e de uma linha de pesquisa**. In: NOGUEIRA, Marcia Pompeo et al. *Pedagogias do Desterro: práticas de pesquisa em artes cênicas*. São Paulo: Hucitec, 2020, p.187-197.

GONÇALVES, Michelle Bocchi; OLIVEIRA, Odissea Boaventura de. **Sentidos de escola em performance: um estudo na licenciatura em educação do campo**. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 49, p. 392-441, jul./set. 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/5136/47966892>. Acesso em: 05 jul. 2023.

GONÇALVES, Michelle Bocchi. GABARDO JUNIOR, Jair Mario. **Educação Performativa: Travessias**. In: *Linguagem, Corpo e Estética na Educação*. Orgs. Jean Carlos Gonçalves, Marynelma Camargo Garanhani, Michelle Bocchi Gonçalves. São Paulo: Hucitec Editora, 2020.



GONÇALVES, Jean Carlos; GONÇALVES, Michelle Bochi. **Teatralidade e Performance na pesquisa em Educação: do corpo e da escrita em perspectiva discursiva**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 67, p. 139-155, jan./fev. 2018.

ICLE, Gilberto. BONATTO, Mônica Torres. **Por uma pedagogia performativa: a escola como entrelugar para professores-performers e estudantes-performers**. *Cadernos CEDES*, v. 37, n.101, Campinas, 2017.

ICLE, Gilberto. **Para apresentar a Performance a Educação**. *Revista & Realidade*, Porto Alegre, n. 35, 2010, p. 11-22.

GABARDO JUNIOR, Jair Mario. **Ensino da dança e a educação performativa: possibilidades de corpo na (re) criação do espaço escolar**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação. Curitiba, 2020, 165 p. Disponível em:
<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/67882/R%20-%20D%20-%20JAIR%20MARIO%20GABARDO%20JUNIOR.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SILVEIRA, Angelica. **A Prefeitura estima que quase cinco mil pessoas foram afetadas pela enchente em São Lourenço do Sul**. *Correio do Povo*, 2024. Disponível em: <https://w.corre.com.br/não%3%ADc/chuv/prefeitura-estimativa-q-quase-cinco-m-pessoas-dez-lado-afeta-pela-cheia-em-s%3%A-lou%3%A7o--do-su-1>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SCHECHNER, Richard. *Performance: teoría y prácticas interculturales*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2000.

SCHECHNER, Richard; ICLE, Gilberto; PEREIRA, Marcelo de Andrade. **O que pode a performance na Educação? Uma entrevista com Richard Schechner**. *Revista Educação e Realidade*. v.35, n.2, pgs 23-35, 2010. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/13502/7644>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Recebido em: 15/09/2024

Aceito em: 15/11/2024

[1] Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação (LiCorEs). Membro do grupo de pesquisa Labelit Laboratório de Estudos em Educação, Linguagens e



Teatralidades (UFPR/CNPq). Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista Capes Proex (2024-2028).